

Educação

**Fátima Cunha
Ferreira Pinto ***

Diz a lenda popular que o escorpião acuado por um círculo de fogo "suicida-se". Tomando-se este tipo de suicídio como um ato de desistência compulsória à vida, uma vez que foram cassados os direitos naturais de resistência, imediatamente a lógica socorre um juízo de valor que transforma o escorpião em vítima, nomeando, imediatamente, seu algoz, assassino.

Nada mais abjeto, pois, que o jogo de poder que, se tão natural no jogo da existência, não o é quando a vida e a morte do indivíduo são as duas únicas inscrições num "dado de azar viciado". Claro, em qualquer relação social, o jogo de poder funciona como uma gangorra, cuja alternância constante dos pólos opostos permite um equilíbrio de forças, de ambição e de esperança que, na verdade, nada mais é do que a aceitação tácita dos princípios naturais da liberdade, da democracia e do civismo, segundo o que uma ordem qualquer pode ser mantida.

Conceitualmente falando, toda escolha implica compulsoriamente renúncia, o que se verifica nas relações políticas, amorosas, trabalhistas e até mesmo religiosas. Sabe-se, há muito, não ser possível servir a dois senhores a um tempo só. Então, pode-se deduzir que a ética reside principalmente nessa aceitação imperiosa da diferença do universo e do mundo em que vivemos; nessa desilusão total da vitória individual e imperiosa a qualquer preço.

Portanto, se o princípio da gangorra é pertinente, fácil torna-

se reconhecer que o princípio da democracia, segundo parâmetros para uma liberdade absoluta e plena, é balela, engodo e ardil para fins inconfessos.

No entanto, neste nosso país, há muito que a gangorra vem pendendo para um lado só; há muito que o círculo de fogo vem se avivando pelas mãos de poucos "incendiários" que, despoticamente, fazem de sua vontade individual lei incontestável para toda a NAÇÃO, praticamente decretando a morte existencial da maioria brasileira.

É um verdadeiro paradoxo este quadro monstruoso, a duração desse círculo de fogo abrangendo a maioria absoluta da população terceiro-mundista e o nosso mal-fadado Brasil, onde pequena minoria incendiária mantém à volta do círculo incandescente milhões de miseráveis, desnutridos, moribundos da infância e velhice.

Que tais incendiários são diabólicos, ninguém mais duvida. Como ao diabo, também se lhes deve desculpar a ignorância, a pequenez de espírito e a visão estreita que não abrange o além do próprio quintal. Como o diabo, também haverão de, ao longo do curso histórico, perder o trono e o cetro!

Entretanto, enquanto isso não se cumpre, diante desse inferno incandescente, de que a compulsoriedade à morte existencial dá provas cabais, há pequenos, tênues indícios de que extintores possantes ameaçam pôr fim a esta criminosa situação ética e social em que todos nós nos enredamos.

Porém, para que a crença na eficácia desse megaextintor se consolide, são imprescindíveis

duas frentes de ataque ao círculo incandescente: 1) reformulação do sistema judiciário, com a implantação segura de leis auto-aplicáveis e, conseqüentemente, da "democratização" das sentenças penais; e 2) a implantação de um plano de educação, protegido contra qualquer descontinuidade, para o ano 2000. Sem isso, tudo mais não passará de politiquice e mezinha de balcão farmacêutico.

No âmbito dessa relação democrática, em que o poder seja possível de alternância pacífica, a educação deve, sim, libertar-se do maniqueísmo odioso que converteu em campo de batalha minada os setores privado e público. Ora, quanto às instituições privadas, que elas continuem a exercer a sua função específica; qual seja a de fornecer, em regime de opção social, cultural e política, o tipo de educação que se lhe apresente ideal.

Mas, quanto à escola pública, ninguém, decentemente, pode discordar de que sua existência é imperiosa, face à total impossibilidade de escolha por parte de uma maioria populacional flagrantemente miserável que, no momento, só tem por opção sobreviver, e não se dar ao requinte de optar por este ou aquele tipo de orientação pedagógica, ideológica ou religiosa.

Ai estão os dois alicerces (Justiça e Educação) que poderão fundar o Brasil novo, aquele Brasil livre de incendiários, o Brasil expurgado dos criminosos "legais" e povoado por gente cujo padrão ético fará inveja aos verdadeiros democratas e liberais.